

A CORAGEM DA VERDADE DE AILTON KRENAK NO DISCURSO DE POSSE NA ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS

AILTON KRENAK'S COURAGE OF TRUTH IN HIS INAUGURAL SPEECH AT THE BRAZILIAN ACADEMY OF LETTERS

Rafaela Cláudia dos Santos¹
Regina Baracuhy²

Resumo: O objetivo deste artigo é analisar o discurso proferido por Ailton Krenak durante sua cerimônia de posse na Academia Brasileira de Letras (ABL), em que ele se tornou o primeiro indígena a ocupar uma cadeira nessa instituição. Fundamentado no método arqueogenético de Michel Foucault (2005, 2008, 2009, 2014, 2013, 2019), este estudo investiga como o discurso de Krenak se insere na ordem discursiva da ABL, historicamente marcada por uma estrutura elitista e eurocêntrica. Além disso, discute-se a coragem da verdade em sua enunciação, tensionando os limites da inclusão indígena no campo acadêmico e literário. Podemos apontar, como resultados das análises, que o discurso de Krenak apresenta uma carga afetiva que mobiliza a memória coletiva e reafirma a luta dos povos indígenas por visibilidade e reconhecimento. Ao enfrentar os mecanismos de exclusão, ele promove uma visão plural e diversa, em que sentimentos e razão se entrelaçam como força motriz da coragem da verdade.

Palavras-chave: Estudos Discursivos Foucaultianos. Ailton Krenak. Associação Brasileira de Letras. Coragem da Verdade.

Abstract: This paper aims to analyze the speech addressed by Ailton Krenak at the ceremony installing him as the first Indigenous person to be a member of the Brazilian Literature Academy (BLA). Based on Michel Foucault's archeogenetic method (2005, 2008, 2009, 2013, 2014, 2019), this study examines how Krenak's speech is positioned within the BLA discourse order, which is historically characterized by an elitist and Eurocentric structure. In addition, the courage of truth as it emerges is discussed, problematizing the limits of Indigenous inclusion in the academic and literary fields. We can highlight, as the results of our analysis, that Krenak's speech presents an emotional charge that mobilizes a collective memory and reassures the struggle undertaken by Indigenous people for visibility and recognition. As it faces exclusion mechanisms, the speech provides a diverse and plural view according to which feelings and reason meet as a driving force of the courage of truth.

Keywords: Foucauldian Discursive Studies. Ailton Krenak. Brazilian Literature Academy. Courage of Truth.

123

¹ Doutoranda pelo programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal da Paraíba (PROLING/UFPB). É bolsista CAPES e membro dos grupos de pesquisa CIDADI/UFPB e GEDUERN/UERN. E-mail: rafaelaclaudiasan@gmail.com. Lattes ID: 1810731894320344. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9597-7265>

² Docente da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Doutora em Linguística. Membro efetivo do Programa de Pós-Graduação em Linguística (PROLING/UFPB). Líder do Grupo de Pesquisa CIDADI/UFPB. Integrante do GT Estudos Discursivos Foucaultianos da ANPOLL e Líder do Grupo de Pesquisa interinstitucional CIDADI – Círculo de Discussões em Análise do Discurso (UFPB /CNPq). E-mail: mrlb@academico.ufpb.br. Lattes ID: 2073425150477784. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2867-6806>

Primeiras incursões: discurso, poder e saber indígenas na Academia Brasileira de Letras

Esta pesquisa tem como objetivo analisar o discurso proferido por Ailton Krenak, durante sua cerimônia de posse na Academia Brasileira de Letras (ABL)³, a fim de discutir os deslocamentos discursivos nos regimes de verdade, provocados por sua presença em uma instituição marcada por tradições elitistas e predominantemente eurocêntricas.

A entrada de Krenak, na referida instituição, representa um marco histórico na relação entre os povos indígenas e as instâncias tradicionais de produção do saber. Sua presença coloca em disputa os modos pelos quais os discursos de poder operam na delimitação do que pode ser dito, por quem e em quais cenários sócio-históricos (Foucault, 2014). Diante disso, torna-se fundamental compreender como a inserção de um intelectual indígena desagrega o dispositivo colonial, ao mesmo tempo em que suscita novos debates sobre pertencimento, epistemologias e resistência dentro da estrutura historicamente excludente da Academia.

Ancorada nos Estudos Discursivos Foucaultianos, esta pesquisa adota uma visão problematizadora, voltando-se para o conteúdo do discurso de Krenak, bem como para as condições históricas e sociais que possibilitaram sua emergência e as transformações suscitadas por sua presença na ABL. A análise insere-se no debate foucaultiano sobre a coragem da verdade, conceito que remete ao “discurso verdadeiro”, assumido mesmo diante dos riscos da fala e das relações de poder assimétricas entre sujeitos (Gros, 2004).

No discurso de Krenak, essa coragem se materializa na mobilização de emoções e sentimentos, como parte de uma estratégia discursiva que desestrutura as normas institucionais da ABL, ao mesmo tempo que inscreve novas formas de enunciação no âmbito acadêmico e literário. Seria impensável imaginar a fala de um líder indígena, comprometido com o humano, em sua mais ampla dimensão, sem a espessura da sensibilidade.

Para esta investigação, adotamos o método arqueogenalógico, fundamentado nas abordagens arqueológica e genealógica de Michel Foucault (2005, 2008, 2009, 2014, 2013,

³ Este estudo analisa o discurso proferido por Ailton Krenak na cerimônia de sua posse na ABL, a partir do registro da referida instituição em seu canal oficial no YouTube: https://www.youtube.com/watch?v=a4sXz3_ZWI&t=3535s&ab_channel=AcademiaBrasileiradeLetras.

2019). Por um lado, a arqueologia do saber mapeia as condições de possibilidade para a emergência dos discursos sobre os povos indígenas no Brasil, identificando os regimes de verdade que os constituem ao longo do tempo. Por outro, a genealogia permite compreender os efeitos de poder que operam na constituição desses discursos, analisando os entrelaçamentos entre saber, poder e resistência que marcam, tanto a trajetória de Krenak, quanto a de seu povo até sua chegada à ABL.

Esta abordagem teórico-metodológica entende o discurso como um “conjunto regular de fatos linguísticos em determinado nível, e polêmicos e estratégicos em outro” (Foucault, 1999, p. 9). A natureza bética do discurso é marcada por disputas, confrontos e estratégias, atravessando os modos de constituição do saber, especialmente quando os conhecimentos indígenas se insurgem, resistem e se opõem a outros regimes epistêmicos.

A partir dessas considerações, organizamos este trabalho da seguinte forma: iniciamos com uma contextualização sobre a escolha de Ailton Krenak para ocupar uma cadeira na ABL. Em seguida, mobilizamos as proposições foucaultianas, articuladas a outras noções teóricas, como os procedimentos de controle internos e externos ao discurso, tendo por base *A Ordem do Discurso*, obra basilar para esta investigação.

Discutiremos ainda sobre o conceito de dispositivo, a partir de Foucault (2009) e Deleuze (1989), considerando sua produtividade para as análises. Em seguida, exploraremos a coragem da verdade na fala de Krenak, demonstrando como ele mobilizou emoções e sentimentos (Corbin, Courtine, Vigarello, 2020), ao questionar os limites da inclusão indígena no campo acadêmico e literário. Por fim, buscaremos estabelecer um efeito conclusivo para as discussões aqui elaboradas.

1 Por que Krenak e não outro em seu lugar?

A ABL tem representado um cenário de prestígio na produção e difusão da literatura e da arte no Brasil, consolidando-se como uma instância de consagração intelectual. Ao ingressar na instituição, o representante indígena suscita uma indagação que remete a Foucault (2014): “Por que Krenak, e não outro em seu lugar?”. Este questionamento expõe os mecanismos de seleção e exclusão que regulam a circulação dos discursos, destacando

que a vontade de verdade é atravessada por disputas, classificações e dispositivos que definem quais saberes e sujeitos podem ser credibilizados em uma dada sociedade.

É pertinente compreender que a entrada de Krenak na ABL ocorre em um cenário marcado pela operação da vontade de verdade, tal como problematizada por Foucault (2014). A vontade de verdade não é um desejo neutro de conhecimento, mas um mecanismo que produz jogos de saber-poder, determinando quem pode falar, sobre o quê e em quais condições. Neste jogo, determinados saberes – sobretudo aqueles vinculados às epistemologias indígenas – foram, ao longo dos processos sociais e históricos, subalternizados, pois não se alinhavam às matrizes de legitimação impostas pelos sistemas vigentes. Contudo, é justamente nas fissuras desses regimes que se tornam possíveis deslocamentos e a emergência de outros discursos.

A consagração de Krenak, como membro da ABL, é um acontecimento discursivo (Foucault, 2019) bastante significativo na história do Brasil, porque exemplifica a pulverização dos micropoderes (Foucault, 2009) e confere legitimidade à luta histórica dos povos originários, além de inscrever um lugar indígena na produção e validação do conhecimento. Sobremaneira, a presença dele nessa instituição de saber-poder destaca a importância da valorização de vozes relevantes para o arsenal histórico, cultural e artístico do país.

Para ocupar essa posição de prestígio, o filósofo protagonizou momentos de encontro com o poder e os holofotes midiáticos, por meio de sua atuação como ativista indígena. Um exemplo emblemático foi sua intervenção em 1987, quando subiu à tribuna do Congresso Nacional e, utilizando jenipapo, pintou o rosto de preto em defesa dos direitos indígenas (Santos, Baracuhy, 2024). Esse gesto marcou simbolicamente a resistência dos povos originários na Constituição Federal de 1988⁴.

No entanto, sua trajetória não se limitou a esses acontecimentos. Krenak também buscou engajamento no universo acadêmico, formou-se em filosofia e tornou-se autor de diversas obras de alcance internacional. Entre elas, destaca-se *Ideias para adiar o fim do mundo*, que obteve vendas expressivas, ultrapassando 50 mil exemplares. Além disso, em 2022, ele foi eleito para a cadeira nº 24 da Academia Mineira de Letras, um reconhecimento

⁴ https://www.youtube.com/watch?v=ildN6lyXDNE&ab_channel=Kariokamultimedia. Acesso em: 02 de fev. 2025.

que demonstra sua relevância intelectual, tanto no Brasil quanto no exterior, com a publicação e difusão de suas obras em outras línguas.

Em sua obra de destaque, ele salienta que:

o nome Krenak é constituído por dois termos: um é a primeira partícula, *kre*, que significa cabeça, a outra, *nak*, significa Terra. Krenak é a herança que recebemos dos nossos antepassados, das nossas memórias de origem, que nos identifica como “cabeça da terra”, como uma humanidade que não consegue se conceber sem essa conexão, sem essa profunda comunhão com a terra (Krenak, 2020, p. 48).

O escritor indígena, ao explicar o significado de seu nome/etnia, inscreve-se em um regime de saber, em que a ancestralidade não se limita a ser uma referência ao passado, mas se (re)configura como uma forma de existência que resiste às dinâmicas modernas de objetivação. Ao tratar da noção de “cabeça da terra”, ele explica que há um envolvimento e uma conexão profunda com a Terra, inserindo o povo indígena em uma rede de pertencimento ecológico e cosmológico. Este movimento se alinha ao conceito de contrahistória, que Eduardo Viveiros de Castro resgata no posfácio da obra citada (Krenak, 2020), ao enfatizar que os povos originários narram o mundo, a partir de perspectivas que confrontam a história oficial e a lógica neoliberal de progresso.

A afirmação do escritor reconta essa relação primordial com a Terra e a subverte, instaurando uma prática de liberdade (Foucault, 2013), que resiste à normalização imposta pelo dispositivo colonial. Na mesma obra, ele registra que:

Em 2018, quando estávamos na iminência de ser assaltados por uma situação nova no Brasil, me perguntaram: “como os índios vão fazer diante disso tudo?”. Eu falei: “tem quinhentos anos que os índios estão resistindo, eu estou preocupado é com os brancos, como que vão fazer para escapar dessa”. A gente resistiu *expandindo a nossa subjetividade*, não aceitando essa ideia de que nós somos todos iguais. Ainda existem aproximadamente 250 etnias que querem ser diferentes umas das outras no Brasil, que falam mais de 150 línguas e dialetos (Krenak, 2020, p. 31, grifo nosso).

Ao analisar esta afirmação do acadêmico, à luz dos estudos de Michel Foucault sobre poder, subjetivação e resistência, especialmente no que tange aos efeitos normalizadores dos dispositivos coloniais e estatais, pode-se afirmar que os povos indígenas resistiram por

quinhetos anos, expandindo sua subjetividade e reforçando a heterogeneidade de etnias e saberes.

O filósofo indígena aponta um desafio frente às tecnologias de (bio)poder que, ao longo da história, buscaram disciplinar corpos e modos de existência. Foucault (2008) demonstra como o biopoder opera na gestão das populações, regulando a vida por meio de estratégias que promovem a padronização e a negação da diferença. Ou seja, a imposição da igualdade como princípio universal pode ser compreendida como um mecanismo de apagamento das multiplicidades culturais e linguísticas.

Ao reiterar a existência de aproximadamente 250 etnias e mais de 150 línguas e dialetos no Brasil, Krenak reafirma a pluralidade indígena e a batalha desses povos diante da racionalidade neoliberal imposta pelo Estado e pelo dispositivo colonial. Esta recusa à normatização pode ser compreendida como uma prática de liberdade (Foucault, 2013) nos termos foucaultianos, uma vez que transcende a mera oposição ao poder e se manifesta na criação de outros modos de existência para a humanidade.

Krenak (2020), em seu livro *Ideias para adiar o fim do mundo*, ao ser perguntado sobre como os indígenas lidariam com a iminente ascensão de um governo autoritário de extrema direita no Brasil, ele responde com ironia, enfatizando a histórica luta contra o sistema de opressão racial, implantado desde os tempos da invasão portuguesa até os dias atuais. Este gesto de resistência configura-se como uma estratégia discursiva que desestabiliza narrativas hegemônicas e questiona os lugares de fala historicamente atribuídos às populações originárias.

Diante desse panorama histórico, observa-se que o ingresso de Krenak na ABL, em 2024, não se deu de forma aleatória. O ambientalista lançou mão de estratégias de saber-poder para resistir e conquistar vitórias coletivas, posicionando-se como representante de mais de trezentos povos que, de forma resiliente, habitam a diversidade do que hoje denominamos Brasil. É amplamente sabido que conhecimento é poder. Segundo essa premissa, ele trilhou seu caminho munido de saber para difundir e elevar a cultura indígena a horizontes jamais explorados.

O referido filósofo agregou valor à luta dos povos originários, mesmo esta tendo sofrido inúmeras tentativas de apagamento e silenciamento. Se, para serem ouvidos, era

necessário “agir com as armas dos brancos”, Krenak assim o fez, mobilizando, na lógica dos micropoderes que operam de forma capilar e dispersa (Foucault, 2009), as ferramentas do colonizador para tratar de questões indígenas e demonstrar que o conhecimento ancestral é indispensável para discutir temas fundamentais, como a existência, o cuidado de si e dos outros.

Castro (2020) observa que Ailton Krenak, juntamente com outros intelectuais e ativistas originários, como Davi Kopenawa e Daniel Munduruku, questionam a homogeneização da existência humana, ao recusarem a ideia de uma humanidade concebida como bloco unitário. Eles propõem uma “contra-história” e uma “contra-antropologia” ancoradas em saberes próprios, oferecendo novos olhares sobre o Brasil a partir de perspectivas ancestrais. Trata-se do que o pensador chamou de “a história da descoberta do Brasil pelos índios”.

Krenak (2020) desnaturaliza a narrativa dominante, ressaltando formas de vida interdependentes e simbióticas com a Terra. Sua crítica aponta a lógica capitalista como vetor de destruição e busca reafirmar a inseparabilidade entre seres e natureza. Esta abordagem dialoga com o *cuidado de si* foucaultiano (Foucault, 2005), ampliado para um cuidado do outro (coletivo), ao promover modos de vida mais inclusivos e sustentáveis, que rompem com a visão hegemônica e resgatam outras formas de habitar o mundo. Tais reflexões convidam a uma reavaliação dos pressupostos antropológicos da civilização ocidental e dos efeitos que ela tem produzido sobre as condições materiais e espirituais da existência de todos os povos, espécies e seres da Terra.

A transitoriedade das múltiplas posições de sujeitos ocupados por Ailton Krenak (intelectual, ativista indígena, escritor e ambientalista) instiga a análise das teias foucaultianas e a articulação dos enunciados, como elementos constitutivos do discurso, entrelaçados em redes de conexões, que oportunizam examinar as condições históricas, culturais, econômicas e políticas, envoltas nessas relações de saber-poder.

2 A coragem da verdade na trama dos sentimentos

Para Michel Foucault (2014), o discurso não se limita a um simples conjunto de enunciados. Ele é atravessado por relações de saber-poder e regulado por procedimentos que determinam o que pode ser dito, por quem e em quais condições. Como afirma o autor:

O discurso, assim entendido, não é uma forma ideal e intemporal que teria, além do mais, uma história; o problema não consiste em saber como e por que ele pôde emergir e tomar corpo num determinado ponto do tempo; é, de parte a parte, histórico – fragmento de história, unidade e descontinuidade na própria história, que coloca o problema de seus próprios limites, de seus cortes, de suas transformações, dos modos específicos de sua temporalidade, e não de seu surgimento abrupto em meio às cumplicidades do tempo” (Foucault, 2019, p. 143).

Seguindo essa linha de raciocínio, comprehende-se que os discursos são incessantemente perpassados por engrenagens de disputa, deslocamento e transformações, os quais definem seus limites e configuram os regimes de verdade que os sustentam. É neste jogo de forças que operam os dispositivos, cuja função é controlar e restringir interna e externamente os discursos.

Um desses mecanismos, fundamental para este estudo, é a vontade de verdade (Foucault, 2014), que pode ser entendida como um sistema de exclusão que estabelece quais discursos são legitimados dentro das esferas sociais e quais são silenciados. Logo, as relações de poder não se limitam a atravessar o discurso; elas o estruturam, fixando os *regimes de verdade* e os *jogos de saber* que atuam em determinada sociedade.

A entrada de Krenak na Academia Brasileira de Letras reflete uma vontade de verdade que se articula em torno dos valores de inclusão e diversidade presentes na sociedade, permitindo que ele transite do lugar da invisibilidade para o dos holofotes. Ainda assim, essa passagem ocorre sob o controle do policiamento linguístico (Foucault, 2014), exercido por instituições como a própria ABL, que mantêm o poder de definir quais os sujeitos que estão autorizados a falar e quais os discursos que são validados. Na cerimônia de posse na ABL, Krenak ingressa em uma ordem arriscada do discurso, pois mesmo consciente de todos os perigos disso, ele deixa os sentimentos emergirem e fala

corajosamente sobre diversos aspectos que tocam seu povo, fazendo aflorar emoções e subjetividades, por meio do que Foucault considera a *coragem da verdade* (Gros, 2004).

A eleição de Krenak para a ABL, em 2024, ocorre em conjunturas sociais, históricas e políticas, em que a instituição passa a adotar a diversidade como uma “bandeira discursiva”, conforme reiterado pela mídia. No entanto, essa inclusão irrompe, proporcionando o surgimento de um movimento de reconfiguração institucional ao longo dos anos. Antes do referido intelectual indígena, a ABL já havia reunido mulheres e sujeitos negros, reforçando uma narrativa de ampliação da representatividade, mas também suscitando questionamentos sobre os limites e as contradições desse processo.

Com relação ao ingresso de Krenak na ABL, a instituição midiática também manifestou seu posicionamento. Na materialidade sincrética do enunciado 1, apresentada a seguir, analisamos como a página do Instagram da Globo News, veicula a entrada dele na ABL. A fotografia central mostra Krenak trajando a vestimenta com a qual proferiu seu discurso histórico na ABL, enquanto o verbal se destaca com as letras garrafais: “*A PALAVRA É DIVERSIDADE*” cria, em um primeiro momento, um efeito de valorização da iniciativa da academia em sintonia com uma vontade de verdade da atualidade, em que as práticas inclusivas agregam valor às instituições.

Todavia, esse efeito inicial se rompe, quando a matéria dá destaque à crítica proferida por Krenak à própria instituição: “*Essa cadeira 5, em uma instituição que recebe uma pessoa indígena, que acessa esse lugar quando a casa completa 126 anos de existência*” (Krenak, grifos nossos). Este recorte discursivo expõe uma contradição fundamental: se a ABL se apresenta como um lugar de valorização da diversidade, por que somente agora reconhece a importância dos saberes indígenas, considerando que os povos originários habitavam este território muito antes da invasão portuguesa?

Enunciado 1: A palavra é diversidade.



Fonte: Instagram Globo News, 2024.

132

A notícia mostra como certos saberes são, ao longo do tempo, sujeitados (Foucault, 2010), permanecendo à margem das instituições que validam o conhecimento. Embora Krenak tenha sido imortalizado na ABL, a matéria destaca que os escritos indígenas ainda não ocupam um lugar central no cânone literário.

Além disso, o texto enaltece a trajetória de enfrentamentos de Ailton e destaca que seu ingresso na Academia foi o resultado de um percurso árduo e marcado por desafios. Este movimento discursivo remete à narrativa inicial da notícia, que, à primeira vista, enfatizava a iniciativa da ABL, mas, ao longo do texto, assume um tom crítico ao expor o caráter tardio e restrito dessa inclusão, revelando as limitações do reconhecimento institucional perante os povos originários.

Krenak, por meio de sua fala contundente, articula uma vontade de verdade que denuncia a operacionalização do privilégio dos saberes da colonialidade, em detrimento dos saberes populares e indígenas (sujeitados). Esta posição vai além de uma simples afirmação política, sendo também um gesto impregnado de afetos e emoções, que remonta aos modos de vida e de (re)existência de seu povo.

Assim, as emoções deixam de ser elementos periféricos, tornando-se forças constitutivas que sustentam o próprio discurso, reforçando a crítica à marginalização

histórica dos saberes indígenas, os quais, como outros saberes dissidentes, são sistematicamente sujeitos às formas de conhecimento dominantes e recusados ou silenciados pelas estruturas de poder, como aponta Foucault (2009).

A coragem da verdade envolve um risco, um ato de enfrentamento, diante das relações de poder possíveis. Em Krenak, essa coragem se manifesta por meio de sentimentos que vão do luto à esperança, da indignação à mobilização, compondo um discurso de subversão que denuncia e, simultaneamente, utiliza a sabedoria ancestral como uma força de afirmação política.

É possível traçar um paralelo entre o discurso do pensador indígena na ABL e a experiência que Foucault viveu no *Collège de France*, retratada por Didier Eribon em *Michel Foucault: uma biografia (1990)*, no subtítulo “*A solidão do acrobata*”. Eribon (1990) descreveu o filósofo como um intelectual que, apesar de ocupar um status de prestígio, sentia-se deslocado, consciente de que sua presença desafiava as normas e valores da instituição. Este sentimento de solidão, marcado pelo estranhamento de um intelectual LGBTQIAPN+⁵ em um ambiente tradicionalmente heteronormativo e elitista, guarda semelhanças com a posição de Krenak na ABL.

Como único indígena a ocupar uma cadeira na Academia, a presença de Krenak torna-se simultaneamente um ato de enfrentamento e um desafio constante. Seu discurso reivindica a inserção dos saberes originários, mas, ao mesmo tempo, ele precisa negociar os limites impostos por essa ordem institucional, assim como Foucault fez ao equilibrar sua crítica ao sistema acadêmico sem romper completamente com ele. Este jogo entre pertencimento e deslocamento marca a atuação de ambos, demonstrando como certos corpos e discursos, mesmo quando aceitos, continuam sendo regulados e confrontados dentro das estruturas que os acolhem.

A presença de Krenak na ABL não se dá sem restrições. Seu discurso, ao ser autorizado, ainda está condicionado por um jogo de poder, que regula a entrada de vozes marginalizadas, à medida que tanto possibilitam quanto restringem sua participação na

⁵ Significado da sigla: Lésbicas; Gay; Bissexuais, Travestis, Transexuais; Queer; Intersexuais; Assexuais; Pansexuais e N - não-binário; já o + existe para abranger as demais identidades e orientações.

visibilidade discursiva, reforçando as hierarquias que sustentam as relações de poder nos *regimes de verdade*.

3 O entrecruzamento de dispositivos

Michel Foucault apresenta o conceito de dispositivo como um elemento fundamental para compreender as relações entre saber e poder, pois ele engloba “um conjunto heterogêneo que articula discursos, instituições, normas, práticas sociais, saberes científicos e técnicas de governo, que, em determinado momento histórico, responde a uma urgência histórica e possui “uma função estratégica dominante” (Foucault, 2009, p. 244).

Deleuze corrobora com Foucault em relação ao entendimento sobre o termo dispositivo, e o sintetiza da seguinte maneira:

Mas o que é o dispositivo? É antes de mais nada um emaranhado, um conjunto multilinear. Ele é composto de linhas de natureza diferentes. E estas linhas do dispositivo não cercam ou não delimitam sistemas homogêneos, o objeto, o sujeito, a língua, etc., mas seguem direções, traçam processos sempre em desequilíbrio, às vezes se aproximam, às vezes se afastam umas das outras (Deleuze, 1989, p. 1).

A explicação de Deleuze aponta para a ideia de que os dispositivos, em vez de estruturas fixas, são campos dinâmicos de forças, atravessados por relações de poder e por linhas – de visibilidade, enunciabilidade, objetivação e subjetivação – que compreendem os dispositivos de controle. As linhas do dispositivo organizam, circulam e regulam comportamentos, ao mesmo tempo em que ensejam a emergência de novas formas de subjetividade e ação.

É possível analisar o conjunto de enunciados, que compõe o discurso de Krenak, como pertencentes a um dispositivo que regula o que pode e deve ser dito, por meio de regras e normas que estabelecem o que socialmente aceitável e desejável na instituição acadêmica. A conferência de posse na ABL, marcada pela formalidade e tradição, legitima institucionalmente o novo membro, Krenak, ao mesmo tempo que impõe normas discursivas que delimitam o que pode ser dito por ele. Sobremaneira, interessa-nos investigar as táticas e as estratégias usadas pelo líder indígena para subjetivar-se.

Embora Foucault não discuta sobre o dispositivo colonial, seus conceitos oferecem ferramentas para analisar a colonialidade como um dispositivo que articula saberes e poderes para instaurar a exploração e a dominação. O referido conceito pode ser detalhado como uma estratégia histórica que combina elementos discursivos e não-discursivos para sustentar sistemas de opressão. Aníbal Quijano (2000) associa a colonialidade ao controle dos corpos, dos saberes e dos territórios.

Para contribuir com os estudos sobre a colonialidade, destacamos também os trabalhos desenvolvidos por Neves e Lisboa, que demonstram o funcionamento do conceito de dispositivo colonial a partir dos princípios foucaultianos, aos quais este trabalho se vincula. Estes estudos aprofundam a compreensão das articulações e do funcionamento deste dispositivo como mecanismo de mobilização das desigualdades. Ressalte-se a obra *O governo da Língua: uma perspectiva discursiva sobre o lugar da língua nas relações de poder no Brasil*, organizada pelas professoras doutoras Rosário Gregolin (UNESP), Ivânia Neves (UFPA) e Flávia Marinho (UNIFESSPA).

Na obra anteriormente citada, Neves (2023, p. 76) afirma que “o dispositivo colonial se reposicionou todas as vezes em que as emergências históricas assim demandaram, mas só há pouco tempo, a partir da segunda metade do século XX, os estudos desses movimentos ganharam mais visibilidade no Ocidente”. Em resposta ao dispositivo colonial, surgem as resistências na era denominada descolonial. Sendo assim, ainda que esse dispositivo atue na supressão e marginalização das vozes indígenas, há linhas de fuga da descolonialidade que, por meio de suas estratégias de saber-poder, subvertem essa estrutura e possibilitam que as questões indígenas se inscrevam no debate contemporâneo, como é o caso do ingresso de Ailton na ABL.

Apesar de a voz de Krenak e outros povos indígenas ressoarem, sobretudo na mídia, o dispositivo colonial não perdeu sua força; pelo contrário, ele continua operando intensamente. A resistência se impõe como uma luta diária, em que é preciso constantemente reinventar estratégias para garantir sua existência (Santos, Baracuhy, 2024). O modo de vida indígena, fundamentado na relação de pertencimento e cuidado com a Terra, contrasta diretamente com a lógica do capitalismo, que busca tornar as relações com a natureza cada vez mais voláteis e instrumentalizadas. Esta incompatibilidade estrutural faz com que os

povos originários sejam historicamente alvos de ataques e violências, uma vez que suas (re)existências representam um obstáculo à exploração irrestrita dos territórios e dos recursos naturais.

As dinâmicas de disputa vão além dos campos territorial, cultural ou linguístico, atravessando também outros dispositivos de poder que organizam a sociedade, como o patriarcal. Assim como a luta indígena desafia a colonialidade do saber e do território, as relações de gênero também são marcadas por exclusões e assimetrias historicamente naturalizadas. Em seu discurso de posse, Krenak destacou o acesso tardio das mulheres à Academia Brasileira de Letras, ao lembrar que “*somente em 1977*” (Krenak, grifos nossos) uma mulher passou a ocupar uma cadeira na instituição. A referência é à escritora Rachel de Queiroz, primeira mulher eleita para a ABL, que assumiu justamente a cadeira número 5 — a mesma que agora passa a ser ocupada por ele.

Ao mencionar o exemplo de Rachel de Queiroz, Krenak destaca que somente após completar “126 anos de existência, (a Academia) acolheu um sujeito indígena”. Verificamos como os dispositivos colonial e patriarcal frequentemente se entrelaçam e envolvem relações de poder, que silenciam e excluem grupos historicamente marginalizados. Esta interseção revela o modo como diferentes dispositivos se reforçam mutuamente, produzindo, de forma gradual, regimes de exclusão cada vez mais amplos e sofisticados.

O escritor demarca a persistência desses dispositivos, ao mesmo tempo que manifesta, por meio de sua própria presença, um ato de resistência, atravessado por emoções que oscilam entre a indignação e a esperança. Seu discurso carrega uma carga afetiva que mobiliza a memória coletiva e reafirma a luta dos povos indígenas pela visibilidade e reconhecimento.

Foucault nos oferece ferramentas para examinar como os dispositivos atuam na articulação entre práticas discursivas e não discursivas, sustentando desigualdades estruturais e, ao mesmo tempo, possibilitando a identificação de estratégias de resistência. Com base no reconhecimento do conceito de dispositivo e dos diferentes tipos analisados por Foucault, Neves (2023) identifica e articula o que denomina de dispositivo colonial, compreendido como uma engrenagem fundamental para entender as dinâmicas de poder que atravessam as questões indígenas. Ao analisar o funcionamento complexo do referido

dispositivo, a autora demonstra como ele tanto mantém relações assimétricas quanto permite a emergência de deslocamentos e reconfigurações discursivas. Assim, destacamos a seguinte reflexão da autora:

o dispositivo colonial, como todo dispositivo de poder e saber, produz dentro de suas estruturas a sua própria contradição e cria possibilidades de resistências. Por outro lado, já sabemos que não existe poder absoluto, mas sim relações de poder, que, a depender dos sujeitos, podem produzir uma desordem no discurso. As décadas seguintes à promulgação da Constituição Federal de 1988 não transformaram as estruturas racistas e patriarcais da sociedade brasileira, mas abriram novas possibilidades no fazer acadêmico e foram obrigadas a reconhecer como autorizados novos lugares de enunciação (Neves, 2023, p. 77).

É a partir dessas fissuras e das linhas de fuga abordadas por Neves (2003) que localizamos nosso estudo: nos desvãos do dispositivo colonial, por onde as vozes indígenas conseguiram emergir e alcançar até mesmo o espaço acadêmico nacional. O ingresso de Ailton Krenak na ABL se insere nessa conjuntura histórica, política e social de aceitação de novos saberes, desafiando as relações de poder e expondo as contradições do dispositivo colonial. Mais adiante, aprofundaremos esta análise, observando como seu discurso na cerimônia de posse reflete e potencializa essas dinâmicas de resistência e articulação entre dispositivos.

137

4 Ingressando nessa ordem arriscada do discurso

Ao assumir uma posição-sujeito de intelectual, Krenak adquire o que Foucault (1996) denomina de “direito privilegiado de fala”, ou seja, a autorização institucional para falar dentro de um espaço autorizado de saber-poder. No entanto, esse direito não é irrestrito, pois está sujeito às regras e convenções da própria instituição, que regulam o discurso. Assim, embora a presença de Krenak na ABL represente uma ruptura em relação à exclusão histórica dos povos indígenas dessa instância, seu discurso ainda precisa operar dentro dos limites impostos pela ordem acadêmica vigente.

Para ingressar nessa instituição, Krenak inicia seu discurso, cumprimentando a Ministra da Cultura, Margareth Menezes, e enaltecendo sua presença como símbolo de uma

sociedade mais cuidadosa e amorosa. Em seguida, saúda o então ministro dos Direitos Humanos, Silvio Almeida, e logo depois dirige-se a Eloy Terena, ressaltando seu protagonismo no Ministério dos Povos Indígenas do governo Lula e a trajetória de jovens lideranças indígenas desde a Constituinte de 1987 até o presente.

Na sequência, sinaliza a presença da presidente da Fundação Nacional dos Povos Indígenas (FUNAI), Joenia Wapichana, a quem se refere carinhosamente como “querida Joenia”. Neste momento, Krenak faz uma crítica contundente ao governo anterior (de Jair Bolsonaro), denunciando as políticas anti-indígenas que comprometeram o funcionamento da FUNAI. Ele aponta como a agência ficou paralisada sob uma gestão que se recusava a demarcar terras indígenas e enfatiza o desafio de restaurá-la, evocando Carlos Drummond de Andrade como metáfora para o enfrentamento dessas dificuldades: “*nossa querida Joênia tem a missão de fazer mover essa pedra*”.

O cumprimento às autoridades, em especial à ministra da Cultura, Margareth Menezes, aponta para a necessidade de inserir-se na ordem do discurso (Foucault, 2014), respeitando os rituais de entrada que autorizam a circulação da palavra, pois há um protocolo a ser seguido para garantir que sua voz possa ser legitimada naquele ambiente. A menção a Eloy Terena e à nova geração de lideranças indígenas reflete uma dinâmica genealógica do discurso, demonstrando a emergência de novos sujeitos políticos que, ao longo das últimas décadas, vêm ocupando esferas institucionais, antes inacessíveis aos povos originários.

A crítica à FUNAI e ao governo anterior de Jair Bolsonaro insere-se na problemática da vontade de verdade (Foucault, 2014). A afirmação de que a fundação ficou “*subjugada*” ressalta como certas formas de saber são reguladas pelo poder, determinando quais discursos podem ou não ser proferidos. Além disso, a evocação de Carlos Drummond de Andrade como “*escudo invisível*” reforça a potência do discurso poético como ferramenta de resistência, inserindo Krenak em uma tradição literária, que dialoga com a crítica política e social. Fazendo alusão à obra *A Ordem do Discurso*, Krenak utiliza o procedimento do *comentário*⁶, mais uma vez, para enriquecer e validar suas estratégias discursivas.

⁶ O comentário diz respeito a um procedimento interno de controle dos discursos. Refere-se àqueles discursos que estão sempre retornando, indefinidamente, para além de sua formulação, são ditos, permanecem ditos. Ex: textos religiosos, jurídicos, literários. Segundo Foucault, (2014, p.25) “o comentário não será outra coisa, senão, a reaparição, palavra por palavra, do que ele comenta (princípio parafrástico do dizer). Ele conjura o acaso do discurso, pois “o novo não está no que é dito, mas no acontecimento de sua volta”.

O filósofo dos povos originários continua com os cumprimentos, reconhecendo, sempre, o ritual que precisa cumprir: “*eu devo saudar o Presidente da ABL que me acolhe aqui, o jornalista Merval Pereira, que eu admiro e que eu estou conhecendo um pouco mais agora [...]*”. Em seguida, menciona Antonio Carlos Secchin, destacando o auxílio que recebeu na confecção de seu discurso para aquele momento.

No entanto, Krenak rompe o protocolo ao dirigir-se a Heloísa Teixeira de maneira espontânea e reflexiva:

Eu perguntei para a Heloísa, eu devo te chamar de confreira? Ela disse: “nossa, essa palavra é muito feia”. Eu falei, você me permite te chamar de companheira? Ela disse: “pode me chamar de senhora, querida, colega acadêmica”. Eu falei, então eu vou me sentir muito mais à vontade se eu puder tratar as admiráveis senhoras que fazem presença aqui nessa Academia Brasileira de Letras como colegas, porque elas estão trilhando, com o mesmo estranhamento, esse lugar que eu estou acessando agora. Não é uma questão de gênero, mas é uma questão de perceber o mundo de maneira diversa. Então, eu quero cumprimentar as queridíssimas acadêmicas, na pessoa da acadêmica que eu admiro muito e que sempre me convocou com muita determinação para que eu viesse para cá, Fernanda Montenegro.

Ao pleitear um modo diferente de nomeação, Krenak questiona os limites impostos pela tradição discursiva da ABL. A palavra “confreira” carrega consigo um sentido institucionalizado, que reforça a estrutura hierárquica da Academia. Ao rejeitá-la e propor um outro tratamento – “*Eu falei, você me permite te chamar de companheira?*” – filósofo indígena traz para o espaço discursivo da ABL uma fala política, porém afetuosa e informal.

Este gesto pode ser analisado a partir da noção de *jogos de verdade*, “ou seja, não a descoberta das coisas verdadeiras, mas as regras segundo as quais a respeito de certas coisas, aquilo que um sujeito pode dizer decorre da questão do verdadeiro ou falso” (Foucault, 2006, p. 235). Não se tratava de uma questão meramente gramatical (uso do vocativo), “*confreira, senhora, querida colega, acadêmica*”, sobretudo se estabelecera uma relação de poder que determina “como o saber é aplicado em uma sociedade, como é valorizado, distribuído, repartido e de certo modo atribuído” (Foucault, 2014, p. 17), conforme se pode destacar na resposta da escritora: “*nossa, essa palavra é muito feia*”.

Nessa perspectiva, é notório que os *regimes de verdade* regulam as formas de dizer, mostrando que, mesmo discursos que subvertem, precisam negociar seu lugar nas estruturas de poder que historicamente os marginalizaram. Isso porque, como discute Foucault (2014), os discursos considerados *verdadeiros* estão diretamente atrelados às instituições, que operam como dispositivos de legitimação, controle e reprodução das verdades socialmente aceitas.

A presença do ativista ambiental na ABL explicita essa dinâmica: sua voz ingressa em um *locus* que historicamente excluiu povos indígenas, e, ao fazê-lo, precisa estar ciente de que “em toda sociedade a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por um certo número de procedimentos que têm por função controlar seu acontecimento aleatório” (Foucault, 2014, p. 9).

140

Eu falei, então eu vou me sentir muito mais à vontade se eu puder tratar as admiráveis senhoras que fazem presença aqui nessa Academia Brasileira de Letras como colegas, porque elas estão trilhando, com o mesmo estranhamento, esse lugar que eu estou acessando agora. Não é uma questão de gênero, mas é uma questão de perceber o mundo de maneira diversa.

A observação de Krenak sobre o “estranhamento” de poder estar na ABL, onde anteriormente não era possível uma representatividade indígena, o irmanava com as acadêmicas, que também demoraram bastante (oitenta anos) para conseguirem adentrar naquele espaço de poder. A menção, feita pelo escritor indígena ao ingresso tardio das mulheres na ABL, demonstra como essas estruturas de poder regulam os acessos e os pertencimentos, impondo quem pode ocupar determinados posições de prestígio intelectual.

Assim como os povos indígenas enfrentam a negação de seus territórios e línguas, as mulheres também tiveram – e ainda têm – seu acesso restrito a esferas de produção do saber e da cultura. Essa rede de relações demonstra como as tecnologias de poder não operam isoladamente, intercruzando-se e se reconfigurando na manutenção de assimetrias.

Após a realização dos cumprimentos, o ativista indígena evoca o poeta, ensaísta e crítico literário Antonio Carlos Secchin, ao afirmar:

Eu agradeço a disposição dele, a doação, de me apresentar, de certa maneira, a esse rito da Academia Mineira de Letras e a esse rito da Academia Brasileira de Letras, que é como se você estivesse sendo graduado em algum termo. Há uma exigência de um pouco mais, digamos assim, de atenção ao rigor do protocolo. O Acadêmico Antonio Carlos Secchin me falou que o rito é tudo.

“O rito é tudo” nos faz lembrar da lição foucaultiana sobre o procedimento de rarefação dos sujeitos que falam, “o ritual da palavra”, responsável pela qualificação que deve possuir os indivíduos para que tenham direito à fala. O ritual define, “no jogo de um diálogo, de uma recitação, o tipo de enunciado, os gestos, os comportamentos, as circunstâncias e todo um conjunto de signos que devem acompanhar um dado discurso” (Foucault, 2014, p. 39).

Krenak continua a trazer para a sua fala, sob a forma de *comentário*, a importância do ritual da palavra:

é um rito, é uma reza, é uma oração, é uma procissão, como diz o querido Acadêmico Gilberto Gil, Mestre Gil. O rito nos saca desse lugar, que a gente podia chamar desse lugar comum, e nos põe num lugar de criação; criação de mundos, seja através da tecnologia, seja através de qualquer outro exercício de expansão das nossas capacidades. [...]. Eu ia falar subjetividade, mas é a expansão da nossa capacidade de traduzir subjetividade, de transformar a poesia em matéria, de transformar ideias em substâncias que possam nos carregar, nos alimentar e nos inspirar.

Ao citar Secchin e Gilberto Gil, Krenak mobiliza vozes de intelectuais legitimados na ABL para dar credibilidade ao seu discurso, inserindo-o em uma rede de significações, “ao dizer enfim o que estava articulado silenciosamente no *texto primeiro*, conforme um paradoxo que (o comentário) desloca sempre” (Foucault, 2014, p. 25). Estas menções inserem o discurso do líder indígena dentro de uma tradição já reconhecida, ao mesmo tempo que o conecta a práticas ancestrais e populares, como a reza e a procissão, conferindo ao rito um caráter plural e insurgente. Ao ingressar no rito, ele produz fissuras na formalidade instituída.

Krenak, ao longo do seu discurso, reivindica o direito ao reconhecimento da diversidade das identidades indígenas, em sua complexidade étnica, linguística e territorial. “*Eu não sou mais do que um, mas eu posso invocar uns 300. Nesse caso, 305 povos que nos*

últimos 30 anos do nosso país, passaram a ter a disposição de dizer, estou aqui! Sou Guarani, sou Xavante, sou Caiapó, sou Yanomami e sou Terena”. Neste gesto, ele promove um efeito de desarticulação nas fronteiras do dispositivo colonial, desagregando a ideia homogeneizante construída ao longo da história do Brasil de que os povos originários poderiam ser reduzidos a uma unidade, o “índio”. Ao mesmo tempo, ele reconhece a responsabilidade atribuída a si como o único representante entre “305 povos”.

O líder indígena afirma que “*esse jogral, essa fala plural, ela só foi possível porque nós atravessamos uma linha vermelha que indicava, no final dos anos da ditadura, a disposição do Estado Brasileiro de emancipar os indígenas*”. Nesta passagem, o escritor aponta para os limites impostos pelos dispositivos de poder que buscaram silenciar as vozes indígenas ao longo da história. A “*linha vermelha*” surge como uma metáfora dos desafios enfrentados por ele e por outros indígenas para se adentrar e transformar espaços de poder, como a própria Academia.

Segundo Foucault (2014), o discurso está intrinsecamente ligado ao poder e é controlado por ele em sua produção, validação e circulação. A fala do ativista ambiental, portanto, ultrapassa esses limites e os reconfigura, escrevendo novos *jogos de saber-poder* e constituindo outras *verdades*, que conectam o passado ancestral a um futuro mais inclusivo e plural. Como diz Krenak: “*o futuro é ancestral*”. Portanto, ao enfrentar os mecanismos de exclusão, Krenak abre um espaço que ao longo do tempo lhe foi negado, promovendo uma visão diversa, em que sentimentos e razão se entrelaçaram como força motriz da coragem da verdade.

Um efeito de fechamento

O discurso, proferido por Ailton Krenak na cerimônia de posse na ABL, representa um marco histórico na trajetória da intelectualidade indígena no Brasil. Sua entrada na instituição simboliza uma conquista plural, pois se coloca como representante de diversos povos, ocasionando uma fissura nas estruturas discursivas que, por décadas, mantiveram os povos indígenas à margem da produção e validação do conhecimento acadêmico e literário.

Com base na teoria foucaultiana, observamos que a presença de Krenak na ABL constitui um deslocamento no jogo de poder que rege o campo acadêmico, demonstrando a

complexidade das relações entre discurso, saber e resistência. Ao utilizar as próprias ferramentas do colonizador para questionar e ressignificar espaços de poder, Krenak reafirma a importância da ancestralidade indígena na construção de novas epistemologias.

Portanto, o discurso de Krenak na cerimônia de posse na ABL opera na fronteira entre a norma e a transgressão, navegando entre os rituais formais da instituição e a denúncia dos mecanismos de poder que historicamente silenciaram as vozes indígenas no Brasil.

Dessa forma, este estudo reforça a necessidade de ampliar as discussões sobre os modos de subjetivação e resistência dos povos originários dentro das estruturas tradicionais de produção do conhecimento.

A análise arqueogenética, ao tratar das condições históricas que possibilitaram a emergência do discurso de Krenak na ABL, salienta as rupturas e permanências que caracterizam sua trajetória. Em última instância, sua presença neste lugar sugere uma inclusão simbólica, além de uma reconfiguração discursiva que pode impactar significativamente as futuras gerações de intelectuais indígenas e a própria estrutura da Academia Brasileira de Letras.

143

Referências

- CASTRO, E. V. Posfácio. In: KRENAK, A. *Ideias para adiar o fim do mundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.
- CORBIN, A; COURTINE, J; VIGARELLO, G. *Histórias das emoções*: da antiguidade às luzes. Tradução de Francisco Morás. Petrópolis: Vozes, 2020.
- DELEUZE, G. *O que é um dispositivo?* In: DELEUZE, G. Conversações (1972-1990). Tradução de Peter Pál Pelbart. São Paulo: ed. 34, 1992. pág. 155-163.
- ERIBON, D. *Michel Foucault*: uma biografia por Didier Eribon. Tradução de Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- FOUCAULT, M. *A arqueologia do saber*. 8 ed. Tradução de Luiz Neves. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2019.
- FOUCAULT, M. *A ordem do discurso*. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. 24. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2014.
- Foucault, M. *Em Defesa da Sociedade*. Tradução de Maria Ermantina de Almeida Prado Galvão. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010.

FOUCAULT, M. Ética, sexualidade, política. *Ditos e Escritos V*. Tradução de Elisa Monteiro e Inês Austran Dourado Barbosa. 2 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

FOUCAULT, M. *História da sexualidade I: A vontade de saber*. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e José Augusto Guilhon Albuquerque. 26 ed. Rio de Janeiro: Graal, 2013.

FOUCAULT, M. *História da sexualidade III: O cuidado de si*. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e José Augusto Guilhon Albuquerque. 8 ed. Rio de Janeiro: Graal, 2005.

FOUCAULT, M. *Microfísica do poder*. Organização e tradução de Roberto Machado. 4 ed. Rio de Janeiro: Graal, 2009.

FOUCAULT, M. *Segurança, território, população: curso no Collège de France (1977-1978)*. Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

GROS, F. (org.). *Foucault: a confiança da verdade*. Tradução de Marcos Marcionílio. São Paulo: Parábola, 2004.

KRENAK, A. *Ideias para adiar o fim do mundo*. 2 ed. São Paulo: 2020.

LISBÔA, F. M.; NEVES, I. S.; GREGOLIN, R. (org.). *O governo da língua: uma perspectiva discursiva sobre o lugar das línguas nas relações de poder no Brasil*. Guarapuava: Unicentro, 2023.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. *Revista Venezolana de Economia e Ciências Sociais*, v. 1, pág. 11-48, 2000.

SANTOS, R. C.; BARACUHY, R. Discurso, representatividade e resistência indígena: Ailton Krenak e Raoni Metuktire no documentário Falas da Terra. *Revista Acta Semiótica et Linguística*, Palmas, v. II, pág. 6-28, 2024. ISSN 2965-4440. Disponível em: <https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/actas/article/view/20358/22764>. Acesso em: 10 de jan. 2025.